



*Cinema & Território*

Revista internacional de arte e antropologia das imagens

N.º 9 | 2024

Cinema (no) Feminino

---

À conversa com Melanie Pereira: O Cinema no Feminino «Por um cinema de respeito»

Inês REBANDA CORELHO

---

### **OJS - Edição eletrónica**

URL: <https://ct-journal.uma.pt>

DOI: 10.34640/ct9uma2024rcoelho

ISSN: 2183-7902

### **Editor**

Universidade da Madeira (UMa)

### **Referência eletrónica**

Rebanda Coelho, I. (2024). À conversa com Melanie Pereira: O Cinema no Feminino «Por um cinema de respeito». *Cinema & Território*, (9), 189-197. <http://doi.org/10.34640/ct9uma2024rcoelho>

---

18 de novembro de 2024



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

## À conversa com Melanie Pereira: O Cinema no Feminino «Por um cinema de respeito»

**Inês REBANDA COELHO**

Universidade Católica Portuguesa  
Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC)  
insclh@gmail.com

Melanie Pereira (MP) é uma realizadora de cinema luso-luxemburguesa, nascida no Luxemburgo em 96', filha de pais emigrantes portugueses originários de Tondela. Atualmente vive no Porto, cidade onde optou por estudar cinema e onde permanece até hoje, sendo que no seu trabalho como realizadora tem explorado temas fulcrais como as migrações portuguesas e os direitos humanos, principalmente numa perspetiva feminina.

Ao iniciarmos a nossa conversa<sup>2</sup>, Melanie falou-nos um pouco sobre o seu percurso pelo cinema, que, segundo adiantou, teve início com o seu ingresso na universidade em cinema:

**MP** - Antes de entrar para a licenciatura em cinema, não tinha qualquer tipo de interesse maior por cinema. Via muito raramente cinema, mas desde muito cedo que gosto muito de fotografia, sempre gostei e quando era adolescente era o meu hobby. Era a “Melanie da fotografia”, como era conhecida. Nasci e cresci no Luxemburgo e no secundário fui para a secção de Línguas e Literaturas Vivas, o que cá seria Humanidades e sempre tive muita relação com literatura, teatro, pintura, menos música, nunca tive muita afinidade. O que eu queria mesmo na altura era estudar fotografia, só que os meus pais não quiseram, porque, é o clássico, os fotógrafos que a gente conhece ou a maioria das pessoas conhece são mais os fotógrafos de casamento e eles não tinham muito interesse que eu fizesse isso. Então, comecei a pensar um bocado no que gostaria de fazer, até que um dia, estava a tirar umas fotografias no meu quarto a umas andorinhas que estavam lá, no início do verão, e peguei num tripé e decidi fazer uns movimentos com o tripé e calhou de estar a filmar, não sei como é que eu fiz, mas achei aquilo tão genial, que comecei a experimentar com a câmara, fazer movimentos. Fui pesquisar sobre cinema e muito rapidamente me apercebi que se calhar o cinema era uma junção de todas as artes, ou pelo menos foi o que pensei na altura, hoje não acredito de todo nisso, acho que o cinema é uma arte muito própria e isso resultou em eu fazer um PowerPoint muito extenso sobre o porquê de querer estudar cinema, apresentei aos meus pais e eles lá aceitaram. Então, o meu percurso começa aí. Na altura era para ir para Inglaterra, para a Universidade de Kingston estudar cinemas, mas por acaso vim passar um mês cá a Portugal com o meu irmão, que ele estava a tirar mestrado no Porto, e fiquei tão encantada pelo Porto que decidi ficar. Acabei por ir tirar a licenciatura na ESAP [Escola Superior Artística do Porto] e o meu primeiro contacto com cinema a sério é na licenciatura. (Pereira, comunicação pessoal, 2024, 22 de maio)

E avança:

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada com recurso ao ZOOM no dia 22/05/2024

**MP** - Começa aí o meu percurso, as bases do cinema e o meu primeiro filme, fora os exercícios que fomos fazendo: a curta-metragem que fiz no último ano à cadeira projeto final, o filme *Aos meus pais* (2018), teve a sorte de ser selecionada para o DocLisboa, tendo sido o primeiro filme que tive a circular. Enquanto realizadora, começa aí o meu percurso. O *Aos meus pais* (2018) teve um trajeto muito bonito. É um filme sobre o processo de migração dos meus pais, no final dos anos 80, quando se mudaram para Luxemburgo e é um retrato da nossa família, de como vivenciaram a emigração deles, o Luxemburgo e como é que isso me poderá ter afetado, a mim e ao meu irmão enquanto filhos de migrantes. O meu percurso continuou, pelo menos o académico: quando finalizei a licenciatura tirei uma formação em cinema documental no IPCI [Instituto de Produção Cultural e Imagem], de onde resulta também uma curta-metragem. A seguir, fui para mestrado na UBI [Universidade da Beira Interior] onde realizei dois filmes o *Memória Descritiva* (2020) e o *Lugares de Ausência* (2021) e, durante todo esse processo, já desde 2019 que me encontrava também a trabalhar na minha primeira longa, *As Melusinas à Margem do Rio* que estreou em 2023. (ibidem)

Após falar um pouco sobre os seus primeiros passos como cineasta, mostrou-se relevante abordar os temas e elementos que Melanie retrata nas suas obras cinematográficas, como a natureza, a mulher, a migração portuguesa, a luta pelos direitos humanos, fazendo aqui um destaque aos direitos das mulheres, na questão da fragmentação e da procura pela identidade. Foi, por isso, oportuno querer saber o que a move a explorar estas temáticas e que outras gostaria de explorar nas suas obras futuras.

**MP** - Acho que qualquer obra é autobiográfica. As minhas são realmente autobiográficas, em primeiro plano. Para mim foi muito natural. Quando comecei a trabalhar no *Aos meus Pais* (2018), foi muito natural querer abordar as questões das migrações portuguesas, porque rapidamente percebi que há poucas obras que abordam algo que faz parte da nossa cultura. Somos um país migrante, estamos espalhados por todo o mundo (claro que também devido ao nosso passado de colonização), mas na Europa muito mais devido à emigração que se deu a partir dos anos 50/60 e achei muito curioso haver alguns filmes e, sobretudo, haver só um realizador que realmente trata sobre a temática, o José Vieira. Quando vim para Portugal deparei-me com o facto de ter crescido numa casa em que o regresso a Portugal era sempre algo muito desejado e que esse regresso ia ser algo que ia completar a minha identidade, não sei... Quando chego cá apercebo-me muito rapidamente que também sou colocada de lado por ser filha de emigrantes. Havia certos estereótipos associados a emigrantes, que eu não percebia muito bem o porquê, então, muito naturalmente, quis falar de coisas de que sabia. Nunca tive muito interesse em inventar histórias. Não é que a ficção seja inventar histórias, claro que não, mas entre escrever um argumento sobre algo que me seja demasiado distante e abordar algo que eu conhecia, que sabia defender, algo que partiu de uma perspetiva muito familiar, muito intimista, que facilmente se tornou universal, pareceu-me natural. Quando crio o *Ao Memória Descritiva* (2020) e o *Lugares de Ausência* (2021), faço-o sobre as casas ditas de emigrantes e a perceção que também existe sobre essas casas, a grandiosidade das casas (a crítica na altura), quando elas eram construídas com uma arquitetura completamente fora da caixa. Hoje em dia, é curioso, porque na minha investigação, rápido percebi que pessoas que nunca emigraram copiam agora essa arquitetura, o que é sempre muito engraçado. O que eu gostei muito de fazer no *Lugares de Ausência* (2021) foi tentar dar vida ou tentar fazer com que o espectador se relacionasse emocionalmente com uma casa de emigrante, com a ausência que essa casa sente durante o ano, quando está vazia e foi uma

experiência muito curiosa. Foi, também, tentar explorar esta questão da emigração através de várias perspetivas e vários povos. (ibidem)

E Melanie continua:

[Neste processo], as mulheres sempre foram algo muito presente. Eu desde muito nova que me chamo de feminista. Começou em casa, porque eu tenho um irmão mais velho e claro que as tarefas domésticas caíam sobre mim muitas vezes, então a revolta começa logo aí e continua. Em Portugal, curiosamente, consigo encontrar uma comunidade feminista o que, no Luxemburgo, na minha altura, era muito difícil. Era muito complicado eu dizer na escola que era feminista ou insinuar ou fazer trabalhos sobre autoras, porque era um país bastante conservador quando eu estava lá. Entretanto, também, já existem movimentos feministas no Luxemburgo. Portanto, as coisas mudam e ainda bem que sim, mas quando eu vim para cá, claro que o Portugal que eu sempre imaginei não existia: não é um país ideal, é um país extremamente conservador, machista, homofóbico, racista e foi algo também, um bocado difícil de encarar. Muito naturalmente, a temática das mulheres e das histórias das mulheres, das vozes das mulheres, foram-me sempre mais fáceis de me aproximar, por um lado, e sempre mais importantes de realçar, por outro. Já me colocaram a questão se eu n' *As Melusinas à Margem do Rio* (2023), porque é que eu só tenho mulheres e não tenho homens, se as experiências são diferentes? E eu digo, não. O meu irmão é homem, viu o filme e identificou-se a 100% com tudo o que estava a ser ali dito. Eu é que escolhi colocar mulheres, porque quero que o meu cinema seja com mulheres. Às vezes até há um certo desconforto em ter homens ou tentar ter homens, porque, isto se calhar é estranho de se dizer e não se deve dizer, mas, às vezes tenho um problema em conseguir-me relacionar com a visão do homem e pode ser o melhor homem do mundo, mas tenho dificuldade, então, sinto-me sempre mais à vontade com mulheres e com as vozes delas, as histórias delas e o que elas têm para partilhar. (ibidem)

No decurso da conversa, Melanie revela-nos os seus projetos futuros e a contínua presença feminina na sua obra.

**MP** - A longa-metragem na qual eu agora estou a trabalhar vai de novo ao encontro das mulheres. É sobre as mulheres de Castro Laboreiro e as mulheres que ficaram lá a cuidar daquela terra quando os homens emigravam, iam para a guerra, quando se começou a sentir a desertificação daquela zona para zonas mais do litoral. Hoje, por exemplo, é uma zona de transumância, que é uma tradição que também existe na Serra da Estrela, onde se muda o gado de uma zona mais alta para uma zona mais baixa no inverno e se regressa na primavera. Só que ali, em Castro Laboreiro, mudavam as aldeias todas, mudavam as famílias, o gado, os animais domésticos. Às vezes levavam as próprias portas das casas de uma casa para a outra. Hoje só existem duas mulheres ainda a fazer essa transumância. Eu estou a acompanhá-las nos últimos anos até à extinção desta tradição, sendo que as duas mulheres são uma mãe e uma filha. Quando a mãe morrer, a filha diz que vai parar de fazer, porque já não vê sentido em fazer isso. (ibidem)

Falámos sobre a presença da natureza em *As Melusinas à Margem do Rio* (2023).

**MP** - Também estavas a falar na natureza que eu acho que n' *As Melusinas à Margem do Rio* (2023), há uma maior aproximação à natureza do que nos outros filmes, também

por causa do mito da Melusina, mas eu também sempre fui muito próxima de visões ecológicas e sempre tive uma relação muito grande com a terra. Os meus pais vêm de famílias de agricultores. Nós, no Luxemburgo, tínhamos hortas onde os meus pais tentavam replicar um bocado a vivência deles de cá e eu fui crescendo com isso na cabeça. Quando me mudei para cá, [percebi que] aqui o contacto com a terra é muito diferente do de Luxemburgo e não é nem melhor nem pior, é simplesmente diferente. Por exemplo, em Portugal eu detesto as nossas florestas de coração, porque para mim não são florestas são eucaliptais e é uma coisa de que sinto muita falta, porque no Luxemburgo as florestas são completamente diversificadas, com árvores de todos os tamanhos, de todas as cores. Para *As Melusinas à Margem do Rio* (2023) nós filmamos no Luxemburgo durante o outono, as florestas que não foram usadas [no filme], deram imagens lindíssimas. Aquilo é outra coisa. Aqui eu sinto muito a falta de poder ir a uma floresta caminhar. Claro que tenho aqui o Parque da Cidade, mas é muito diferente. Mas depois há aqui uma relação com a terra. Durante a pandemia estive a morar em Tondela, na casa dos meus pais, que eles construíram. Foi a primeira vez que tive uma horta para mim própria e isso também estabeleceu um contacto com a terra diferente e algo que percebi que é muito geracional. Todos os meus avós tiveram muito contacto com a terra e eu também andava muito com a minha avó na altura; ela ficava felicíssima quando me via fazer qualquer coisa na terra. Tenho um respeito muito grande por isso. Eu li algures que em Castro Laboreiro não se consegue distinguir muito bem a pessoa da terra; que a pessoa tem, no bom sentido, uma espécie de animalidade nela e isso vem muito, realmente, do respeito que aquelas pessoas têm à terra, às montanhas, que te tiram completamente o folgo, são enormes, são belíssimas. (ibidem)

E continua:

**MP** - Todas as tradições pagãs que há naquela zona e todas as tradições pré-históricas, pré-pagãs que são da religião da mãe terra (sobre a qual também tenho vindo a ler muito). Terá sido a primeira religião, digamos, e faz tudo muito sentido essa primeira religião, o que falava, como era a relação das pessoas com a terra na altura, das comunidades com a terra e é algo que me fascina muito, com que sinto uma ligação muito forte. O desejo de deixar a cidade e ir morar para a montanha é cada vez maior, garanto-te. Por isso, sim, há uma necessidade muito grande e uma curiosidade também muito grande de continuar a abordar essas questões da natureza, da terra. E acho que este filme em Castro Laboreiro vai abrir muitas portas e vai cruzar aqui temas que tenho vindo a explorar, seja na esfera privada, seja na esfera artística. Acho que vão existir muitos pontos de encontro bonitos. (ibidem)

Sobre os direitos humanos, diz:

**MP** - Falaste dos direitos humanos, claro que os direitos das mulheres são sempre direitos humanos e eu tenho muita consciência de quando falamos de direitos das mulheres ou em feminismo, claro que é aquela noção que o feminismo não é só para as mulheres, o feminismo é de toda a gente. Perceber que os próprios homens beneficiam do feminismo. Vou ter sempre muita dificuldade em fazer um cinema que não seja político, que não invalide ele existir, só que não é algo com o qual me identifique. Isto é sempre um bocado arrogante de dizer, mas não faz sentido fazer um cinema que não tenha nada para dizer, ou melhor, não é que não tenha nada para dizer, mas que não ponha alguém a refletir. Eu não gosto muito de dizer, gosto é de pôr a

refletir. Acho que o filme *As Melusinas à Margem do Rio* (2023) foi muito isso para mim própria, foi mais do que eu dizer, foi pôr-me a refletir sobre o que é que a identidade pode ser e como podemos perceber isso dentro e fora de fronteiras. Conforme vamos avançando no tempo, o filme vai ganhando outros contornos, por causa de outros conflitos que começam a acontecer. O filme também estreia poucos dias depois da questão da Palestina voltar a ser realçada. Estava a iniciar a montagem quando se deu a guerra na Ucrânia e isso começou a ganhar contornos diferentes que também me fazem refletir sobre o lugar em que estou, o privilégio que tive, o privilégio que eu tenho em poder falar de identidade sem falar de fronteiras, necessariamente. Então, acho que o sentido do cinema para mim é pelo menos pôr a refletir. Claro que haverá sempre um lado estético, porque gosto de fazer as coisas bonitas, mas há sempre um lado muito reflexivo. (ibidem)

Após este esclarecimento sobre a sua visão e intenções por detrás dos temas que retrata, torna-se essencial destacar o percurso que as obras de Melanie fizeram por festivais de renome. Melanie lançou a sua primeira obra ao público, de que tem falado carinhosamente durante esta entrevista, em 2018, denominada *Aos meus Pais*. Com esta obra iniciou o seu percurso em festivais nacionais, ao obter o Prémio Especial do Júri do DocLisboa 2018 e duas seleções oficiais em 2019, no Caminhos do Cinema Português e no Porto Femme. Com o seu *Memória Descritiva* (2020) conquistou seleções oficiais no DocLisboa, Porto/Post/Doc, Caminhos do Cinema Português e no XXI Encontros do Cinema Português 2021. *Lugares de Ausência* (2021) leva-a novamente a ser premiada, desta vez pela Academia Portuguesa de Cinema nos prémios Sophia, obtendo novamente seleções oficiais no DocLisboa e no Porto/Post/Doc. Até agora, todas as obras que tinha realizado tinham sido curtas-metragens documentais, iniciando a sua primeira aventura nas longas-metragens com *As Melusinas à Margem do Rio* (2023), que ainda continua a percorrer festivais. Até à data, arrecadou quatro prémios no DocLisboa, um prémio no Porto Femme para Melhor Documentário da Competição Nacional, obtém uma seleção oficial no Porto/Post/Doc e dá o seu primeiro passo nos festivais internacionais de renome, ao ser selecionada para FIDMarseille - Festival International de Cinéma Marseille 2024. Para além deste trajeto, a realizadora teve a oportunidade de participar em La Factory des Cinéastes da Quinzena de Cineastas em Cannes e quisemos saber como correu essa experiência.

**MP** - Trata-se de um programa em que vão a países com baixa produção cinematográfica e elegem quatro realizadores emergentes, duas mulheres e dois homens, para fazerem um filme em corealização que integra realizadores internacionais. No ano passado, foi o norte de Portugal que foi selecionado, devido ao pouco equilíbrio que existe entre o que sai do Sul e o que sai do Norte. Houve uma *open call* e fui selecionada. Fui colocada juntamente com os restantes selecionados a fazer uma corealização com um realizador internacional. O meu caso é muito específico, porque não correu nada bem, por problemas com o corealizador e com as casas de produção, devido a abusos sérios. Eu quero muito tornar a história pública, porque no final acabei o filme sozinha, só que eventualmente, por causa do corealizador e das casas de produção, o filme não chegará a estrear. A estreia era para ser na Quinzena de Cannes, o que não aconteceu, mas tive a oportunidade de ir na mesma à Quinzena apresentar o novo projeto em que estou a trabalhar agora, a minha nova longa-metragem. Não retiro nada de bom desta experiência, a não ser em termos de currículo. (ibidem)

Tendo em conta o episódio retratado por Melanie, decidimos voltar a questões relacionadas com o seu trabalho, revisitando este assunto um pouco mais à frente. Ao ouvirmos a forma como Melanie falava nas suas obras, inevitavelmente isso suscitou-nos a curiosidade sobre que obras suas mais lhe falavam ao coração.

**MP** - Durante muito tempo eu não conseguia ver o *Ao meus Pais* (2018) sem chorar. Era difícil ver o filme, eu às vezes tenho a tendência para ser muito melancólica, muito triste e no final há uma parte onde falo sobre estar em Portugal, no país dos meus pais, na casa dos meus pais e os meus pais não estarem cá. Isso não me parecia a lógica correta das coisas e durante muito tempo, quando via o filme, afetava-me muito por questões com as quais ainda não tinha lidado. O cinema também tem sido muito terapêutico para mim, nesse sentido. Há pouco tempo vi o filme, no ano passado, e não chorei pela primeira vez. Já não me afeta, porque também sei que o meu pai este ano vai-se reformar, e por isso, ele eventualmente vem para cá, mas também já fiz as pazes com o processo deles, com o meu processo também, e com o saber que o Luxemburgo vai fazer sempre parte de mim. Tenho lá o meu irmão, a minha cunhada e sobrinha com dois anos e meio, que está a crescer lá e vai fazer lá a escola. Há sempre uma parte de mim que vai estar ligada ao Luxemburgo. Por isso, este filme já não me afeta tanto como me afetava há uns anos atrás. O filme que eu acho que mais gosto, ou que mais tive gozo em fazer, foi o *Memória Descritiva* (2020), porque percebi muito do meu processo criativo, como gosto de criar e fazer, e foi um filme muito libertador na altura, no contexto de pandemia. Permitiu-me pensar noutra coisa sem ser a pandemia. Também gosto muito do *Lugares de Ausência*, que foi um filme muito bonito de fazer e difícil, porque ainda estávamos em confinamento. Foi feito em 2021, ainda com uma série de restrições. *As Melusinas à Margem do Rio* (2023) foi mais difícil, por questões orçamentais e pela duração da concretização. Foram 5 anos a explorar um tema difícil. Foram muitas Melanies que passaram pelo processo. A Covid passou pelo meio; depois era muito tempo de espera entre uma coisa e outra e às vezes o filme ficava esquecido e eu estava a fazer outro. Foi um processo muito estranho. Em Viana [Olhares Frontais- XXIV Encontros de Cinema de Viana] acho que foi a sessão mais bonita de *As Melusinas à Margem do Rio* (2023) até agora, não só pelo público e pelo carinho, mas a projeção estava muito bonita, a sala era muito bonita e estava a dar-me muito gozo ver o filme. Estreou em outubro de 2023 e eu não estava bem pelo que aconteceu em Cannes, onde ponderei muito seriamente deixar o cinema, por isso, a estreia dele não foi uma estreia bonita, para aquilo que eu gostaria que fosse a estreia da minha primeira longa. Tem esse peso por cima, mas estou a conseguir afastar-me, ou pelo menos em Viana consegui ver o filme de outra forma, e foi muito bonito. Qual é o meu preferido? Não sei. É um experimental que eu tenho que se chama *Bees have headphones too*, de um minuto e quinze, em que estou com uma *handycam* a filmar abelhas. Foi muito fixe fazer isso (ri). Olha, não sei, mas desconfio que o de Castro Laboreiro vai ser dos filmes que mais vou gostar de fazer. (ibidem)

Exatamente por ter passado recentemente do formato de curta-metragem para longa-metragem, quisemos saber quais as principais diferenças que detetou nesta transição.

**MP** - A primeira diferença foi a de que a longa-metragem foi o primeiro filme independente, enquanto todas as minhas curtas foram académicas - algo que saliento sempre que estou com estudantes é que aproveitem ao máximo enquanto estão na escola de cinema, para fazerem o máximo de coisas. Façam um filme por semestre vosso, sejam os realizadores, aproveitem esse tempo. Quando estamos a estudar

cinema estamos tão por dentro do pensamento de cinema e da teoria, que temos possibilidade de experimentar livremente. Eu gosto muito de experimentar com a câmara, com a imagem, com os sons, o que numa longa-metragem é mais difícil. Quando estava a fazer *As Melusinas à Margem do Rio* (2023), ainda não estava muito ciente de qual era o meu processo criativo. Foi algo que fui descobrindo ao longo do processo. A dificuldade em fazer uma longa não é pensar como é que agora vou ter material para fazer uma hora e meia de filme, não é essa a dificuldade. Para mim a dificuldade foram os momentos de espera enormes, semanas, meses, questões relacionadas com o ICA [Instituto do Cinema e Audiovisual], não sabermos se iríamos ter financiamento para fazer o filme, mas tínhamos de fazer. E, enquanto estávamos à espera de que o ICA dissesse que sim ou não, não podíamos fazer nada, o filme vai para o fundo da gaveta e fica lá à espera. Depois, de repente, temos um apoio e podemos avançar com o que for, o filme sai da gaveta, mas tu já não te lembras muito bem, porque já estás noutra fase e pensas: Mas será que quero fazer como está escrito? Depois há muita escrita e reescrita, porque muito tempo passou, por causa da pandemia, atrasou logo tudo um ano, não foi mau para mim, porque até me deu mais tempo para pensar, candidatamo-nos até ao apoio para produção, nem pedimos para o desenvolvimento, e o que mais gostei de n' *As Melusinas à Margem do Rio* (2023) foram as filmagens. É do que gosto sempre mais, obviamente, mas gostei por estar a filmar em equipa, tinha uma equipa comigo e andamos a filmar em sítios belíssimos, tanto no Luxemburgo, como cá. O último dia de rodagens cá em Portugal foi dos dias mais bonitos de que tenho memória de filmar, que foi relativamente ao plano em que eu estava dentro da água, à espera de que o sol se pusesse, ali à beira do Rio Lima. Foi tudo muito bonito, aquilo que as personagens partilharam comigo de forma tão livre, tão honesta, foi algo que acrescentou à experiência. O mais difícil, para além dos tempos de espera, foi o processo de montagem. Para mim, as questões que estava a abordar no filme já estavam ultrapassadas e não estava com desejo de voltar. Já não fazia sentido voltar a falar dessas questões, mas, também foi um momento muito bonito, que eu precisei de ouvir do meu montador, o Tomás Baltazar: «Melanie, isto não é a vida real, isto é um filme» e eu fiquei a olhar para ele, «tu tens toda a razão». Isto realmente é um filme, não é a vida real, por mais documental que seja, é só um filme e a partir daí o processo desbloqueou. Foi muito difícil estar habituada a fazer tudo sozinha e de repente ter pessoas a dar *inputs*, e na montagem foi muito estranho ter alguém comigo, mas no final acho que o filme sem o Tomás não existiria a 100%. Claro que houve uma altura em que tive medo de não ter material suficiente para fazer uma longa, mas o primeiro *draft* que fizemos do filme tinha 7 horas, por isso, havia mais do que material para fazer uma série, se a gente quisesse (ri). O momento mais especial foi quando o som já estava feito, a correção de cor e quando já vimos o filme em Fafe, em casa do Maurício, que tratou da pós-produção sonora. Lá, vimos o filme pela primeira vez do início ao fim com som com tudo, ao fim de 5 anos, fiquei «finalmente, chegámos». Nunca pensei que iríamos ver este dia, mas cá está ele. Mas há coisas que quero mudar, definitivamente. Eu não quero estar dependente de financiamentos, não quero estar parada entre espero e não espero. Não posso permitir isso, nem me quero sujeitar a isso, nem quero que faça parte do processo criativo só porque estamos à espera de dinheiro. Também, com a experiência que tive em Cannes, onde fiz um filme de ficção, (foi a primeira ficção que fiz), éramos uma equipa muito grande, era um aparato muito grande e era uma curta-metragem. A posição de realizadora dentro daquele modo de produção para mim não fazia sentido, como estarmos a preparar uma cena e eu estar sentada no sofá à espera de que tudo esteja pronto, para mim isso não faz sentido, estar assim nessa posição de “estar acima dos



outros”. Eu não gosto desse tipo de hierarquia, não faz sentido nenhum. Então, para mim era muito difícil estar ali e não dizer, olha, precisas de ajuda com o cabo ou o que fosse? «Não, não, senta-te. Não!» Gosto de ter liberdade de ir fazer as coisas, experimentar, foi algo que n’ *As Melusinas à Margem do Rio* (2023) não houve. Esse momento de experimentação, momentos em que pudesse ser mais espontânea com a câmara e é algo que gostaria de implementar. Sabendo que vou ter sempre prazos, orçamentos, essas responsabilidades, quero conseguir um compromisso entre eles e é algo que ainda estou a descobrir, a experimentar e espero mesmo conseguir descobrir qual é o método de produção mais eficaz. (ibidem)

Face a esta perspetiva de Melanie, quanto às experiências diversificadas que teve na criação das suas obras, quisemos perguntar-lhe o que é que gostava de ver feito mais vezes no cinema, especialmente nos países onde tem criado as suas obras.

**MP** - Não tenho nenhuma ligação com o cinema luxemburguês, de todo. Luxemburgo é um país sobretudo de coproduções e não é um cinema com que me identifique, seja pelas temáticas que abordam ou pelos modos de produção. Eu gostava de ver um meio de cinema em Portugal menos competitivo. Gostava de ver mais respeito entre as pessoas, mais colaboração. Não me interessa o que realizador X ou Y faz em termos de cinema. Cada um faz o cinema que faz. Nem toda a gente gosta do meu cinema, e está tudo bem, cada um faz a arte que faz, só que o cinema não sou só eu a fazer. O cinema é realmente uma arte colaborativa, não só quando estamos a fazer um filme, mas também fora dele, dentro dos festivais, dos concursos, dos apoios, das programações, dos cineclubes, de tudo. Sobretudo de há um ano para cá, confesso que estou muito cansada do cinema português. Sou muito nova para dizer isso, mas estou muito cansada, muito farta deste cinema português que é mesquinho, mentiroso, abusivo, um meio de coscuvilhice como eu nunca pensei ver. Haver menos abuso e haver liberdade e segurança para denunciar abuso. Não há de todo segurança para denunciar abuso. É algo de que me tenho apercebido muito facilmente e a liberdade de denunciar abuso não é só relativa ao abuso que nós próprios sofremos, mas também o abuso aos outros. Quando no ano passado saí da experiência que tive com o projeto de Cannes, de repente tenho pessoas a dizerem-me, «então, trabalhaste com ele e não sabias que isso ia acontecer?». Eu não! Só queria fazer um filme. Então, se tu sabias, a tua obrigação era teres-me dito - e isto quebra também relações de confiança profissional com muitas, muitas pessoas. Eu quando digo que estou cansada do cinema português, é porque não sei em quem confiar. Prefiro fazer as minhas coisas de modo solitário com o mínimo de pessoas possível, porque é uma forma de defesa, um mecanismo de defesa. Isso é triste numa arte que é supostamente colaborativa e a mim entristece-me ainda mais quando são mulheres que vão por trás das tuas costas e te massacram. Por um cinema que respeite mais, que seja mais justo, mas igualitário e seja um cinema de paz.

Para finalizarmos a entrevista, quisemos saber se havia alguma mensagem que Melanie quisesse deixar para os investigadores, mas especialmente trabalhadores de cinema, dado as situações de abuso reportadas, que iremos manter em anonimato por questões legais associadas, mas alertando para a sua ocorrência.

**MP** - Às vezes quando olho para os estudantes de cinema, fico a pensar, coitados, porque fui estudante há pouco tempo e em tão pouco tempo mudou tanta coisa. Eu acho que há muita gente boa dentro do cinema português, os tubarões é que são ou

fazem-se de mais fortes do que a gente pensa e eles não são assim tão fortes quanto isso, que é algo que também tenho vindo a perceber. A questão é se esses tubarões têm aliados ou não e, uma pessoa ao ser neutra, transforma-se num aliado, quer queira quer não. O conselho que deixo é que, se há uma coisa que eu quero no cinema português é simplesmente quebrar o silêncio e isso vai desde os profissionais, que já estão na área há muito tempo, aos que começaram ou estão na escola de cinema, porque se há uma coisa que eu percebi é que a micro-atmosfera de agressão que existe desde a escola de cinema é uma réplica do que acontece cá fora, só que cá fora acontece numa escala maior. Como é que uma pessoa pode contornar isso? Porque nem todos temos de ir à luta, o ideal seria isso, irmos todos à luta, mas nem todos temos de o fazer. Por isso, mesmo dentro das escolas de cinema, o que eu digo aos estudantes é que quando vocês tiverem de falar, falem, porque é a partir daí que a gente começa a mudar e mais do que eu querer que tenhamos financiamentos mais dignos, trabalhos mais estáveis, menos precariedade (eu tenho quatro trabalhos e sei perfeitamente). Todos sabemos que mais do que isso é mesmo só quebrar o silêncio contra os tipos de abuso que acontecem dentro do cinema por parte de colegas nossos.